

## No actual contexto da sociedade: Liberdade de expressão discutida em Maputo

25 Outubro 2016



“LIBERDADE de Expressão em Tempos de Violência: Soluções Para Jovens” foi tema de debate público promovido ontem, em Maputo, visando testar o nível de cumprimento dos dispositivos legais sobre os direitos fundamentais dos cidadãos.

Com uma forte participação da comunidade académica, entre professores, estudantes e gestores, bem como de comunicadores de diferentes órgãos, o evento, organizado pela Universidade Politécnica (A Politécnica), em coordenação com a Associação da Mulher na Comunicação Social (AMCS), Rede de Comunicadores e Amigos da Criança (RECAC), MISA-Moçambique, JOINT – Liga de ONG’s e Parlamento Juvenil, serviu também para a discussão de assuntos ligados à forma de estar dos jovens na defesa dos seus direitos.

Foi entendimento comum que este tipo de reflexão ajuda a fortalecer a democracia, através do debate de ideias e envolvimento de estudantes na abordagem sobre a agenda nacional do desenvolvimento, bem como na solução de actos de violência contra jovens, mulheres, crianças e outros grupos vulneráveis.

Cármen Bila, do Parlamento Juvenil, uma das oradoras, afirmou que a liberdade de expressão é um direito que assiste o cidadão para manifestar a sua intenção sem medo e assenta nos direitos humanos consagrados na Constituição da República, na Carta dos Direitos Humanos e na Carta Africana, bem como na Lei de Acesso à Informação.

“É importante conhecer os direitos que nos assistem, para podermos exigir que sejam respeitados, o que significa que desta maneira podemos accionar as instituições que possam fazer valer estes mesmos direitos. Estamos a falar da Polícia da República de Moçambique, a Procuradoria e outros órgãos da administração da justiça. O grande problema é que, mesmo que accionemos esses mecanismos, verificamos a ineficácia na solução dessa violação dos direitos, o que leva ao conformismo porque as leis não são respeitadas. Criticamos e nos queixamos, mas não encontramos solução e tememos exercer esta liberdade que a lei nos confere”, disse Cármen Bila, convidando os jovens a lutarem pelo exercício da liberdade de expressão sem qualquer tipo de receio.

## **LIBERDADE E NÃO LIBERDADES**

A reverenda Felicidade Chirindza, da Igreja Presbiteriana, socorreu-se dos instrumentos sociais como tabus e fundamentos sagrados para explicar a necessidade do exercício da liberdade de expressão sem ferir a ordem social e/ou colocar em causa a liberdade de outrem.

Defendeu que o mundo é guiado por tabus e cada crença tem o seu para regular o funcionamento de uma determinada sociedade e durante séculos, de geração em geração, estas regras foram respeitadas para promover o equilíbrio da convivência entre os cidadãos.

As crenças que regulam a sociedade, segundo Felicidade Chirindza, não podem ser quebradas, nem explicadas, mas criam medo nas pessoas e fazem com que o exercício da liberdade seja feito dentro de determinados padrões.

Estes princípios regulam o comportamento do indivíduo na sociedade e envolvem todos os membros desde o seu nascimento, crescimento, procriação e até à morte. Estes tabus se dividem entre sagrados que promovem as boas práticas e imundos, perigosos e fatais que fazem com que não haja espaço para diálogo.

“Precisamos de saber como exercer a nossa liberdade, sem violar a do outro. Precisamos de aceitar a diferença e acolher os outros, sem coerção, pois para criarmos uma sociedade democrática temos que ter o envolvimento de todos”, disse a reverenda, acrescentando que o mais importante é reconhecer o erro e concertá-lo.

## **FAMÍLIA COMO INSTITUIÇÃO**

Para o professor Hachimo Chagane, existem determinados factores que colocam em risco a liberdade de expressão e que devem ser removidos para que a sociedade possa desenvolver-se sem medo.

Disse que a família é a primeira instituição em que se deve exercer a liberdade de expressão, pois é onde inicia o processo de socialização. Na sua opinião, se uma criança não tiver liberdade em casa é obrigada a consumir aquilo que os adultos ditam.

Para o académico, a escola continua a usar os métodos pedagógicos escolásticos, em que o conhecimento se concentra no professor, que dita tudo o que deve acontecer dentro da sala de aula, atitude que pode levar os alunos à cultura de silêncio.

“Estas situações levam as pessoas a viverem sem auto-estima, sem segurança de expressão e incorrem em comportamento impulsivo, transtorno e à violência verbal ou mesmo física, para fazer valer a sua razão. Isto acontece mesmo na universidade, onde são desenvolvidas actividades extra-curriculares sem a participação do estudante. Os estudantes devem se expressar sobre os fenómenos que ocorrem na sociedade, como, por exemplo, a crise económica”, disse Hachimo Chagane, para quem todos devem preocupar-se em ocupar o espaço que a lei lhes confere.

Entretanto, Olga Islagin, docente de História, defendeu que as associações académicas podem jogar um papel importante na promoção da liberdade de expressão, por constituírem espaços de aproximação dos jovens.

**<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/politica/60991-no-actual-contexto-da-sociedade-liberdade-de-expressao-discutida-em-maputo.html>**